

A PANDEMIA TERRITORIALIZADA: VIDA DIÁRIA EM DOIS BAIRROS DE BUENOS AIRES

LA PANDEMIA TERRITORIALIZADA: LA VIDA COTIDIANA EN DOS BARRIOS DE BUENOS AIRES

TERRITORIALIZED PANDEMIC: EVERYDAY LIFE IN TWO NEIGHBORHOODS OF BUENOS AIRES

María Mercedes DI VIRGILIO¹
María Agustina FRISCH²
Mariano Daniel PERELMAN³

RESUMO: Este artigo trata da experiência da pandemia de COVID-19 na perspectiva de moradores de dois bairros da cidade de Buenos Aires, Argentina. Neste quadro, debruça-se sobre as mudanças, adaptações e redefinições que o contexto pandêmico impôs ao cotidiano na sua interface com o território. Dá atenção especial à vivência do isolamento social preventivo e obrigatório e seus impactos na sociabilidade do bairro. A análise parte do pressuposto de que a pandemia, embora de natureza global, tem efeitos e significados com ancoragem local, enfatizando sua natureza situada. Efeitos e significados são lidos em articulação com as práticas de adaptação realizadas pelos cidadãos. A estratégia metodológica em que se baseia o trabalho é qualitativa. Foram realizadas 11 entrevistas em profundidade com moradores dos bairros Lugano e San Telmo da Cidade de Buenos Aires, no mês de julho de 2021. Os principais achados têm a ver com as estratégias de adaptação individual e coletiva que se configuram no contexto da pandemia para sustentar a vida diária.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Território. Vida cotidiana. Mobilidade. Buenos Aires.

RESUMEN: *Este artículo trata la experiencia de la pandemia por COVID-19 desde la perspectiva de habitantes de dos barrios de la Ciudad de Buenos Aires, Argentina. En ese marco se detiene en los cambios, adaptaciones y resignificaciones que el contexto pandémico impuso en la vida cotidiana en su interfaz con el territorio. Presta especial atención a la experiencia del aislamiento social preventivo y obligatorio y a sus impactos en la sociabilidad barrial. El análisis se apoya en el supuesto de que la pandemia, si bien de carácter global, tiene efectos y sentidos con un anclaje local, enfatizando su carácter situado. Efectos y sentidos se leen en articulación con las prácticas de adaptación que realiza la ciudadanía. La estrategia*

¹ Universidade de Buenos Aires (UBA), Instituto de Pesquisa Gino Germani (IGG/CONICET), Buenos Aires – Argentina. Professora titular da Faculdade de Ciências Sociais. Investigadora principal CONICET. Doutora em Ciências Sociais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5801-0784>. E-mail: mercedes.divirgilio@gmail.com

² Universidade de Buenos Aires (UBA), Instituto de Pesquisa Gino Germani (IGG/CONICET), Buenos Aires – Argentina. Licenciatura em Sociologia. Bolsista de Doutorado. Doutoranda em Ciências Sociais (UBA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3999-1927>. E-mail: magustinafrisch@gmail.com

³ Universidade de Buenos Aires (UBA), Instituto de Pesquisa Gino Germani (IGG/CONICET), Buenos Aires – Argentina. Chefe do Trabalho Prático da Faculdade de Filosofia e Letras (UBA). Pesquisador Independente CONICET. Doutor em Antropologia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4914-3198>. E-mail: mperelman@conicet.gov.ar



metodológica en la que se apoya el trabajo es cualitativa. Se desarrollaron 11 entrevistas en profundidad a residentes de los barrios de Lugano y San Telmo de la Ciudad de Buenos Aires, en el mes de julio de 2021. Los principales hallazgos tienen que ver con las estrategias de adaptación individuales y colectivas que se configuran en el contexto pandémico para dar sostén a la vida cotidiana.

PALABRAS CLAVE: *Pandemia. Territorio. Vida cotidiana. Movilidad. Buenos Aires.*

ABSTRACT: *This article deals with the experience of the COVID-19 pandemic from the perspective of inhabitants of two neighborhoods in the City of Buenos Aires, Argentina. In this framework, it dwells on the changes, adaptations, and redefinitions that the pandemic context imposed on daily life at its interface with the territory. It pays special attention to the experience of preventive and compulsory social isolation and its impacts on neighborhood sociability. The analysis is based on the assumption that the pandemic, although global in nature, has effects and meanings with a local anchor, emphasizing its situated nature. Effects and meanings are read in articulation with the adaptation practices carried out by citizens. The methodological strategy on which the work is based is qualitative, 11 in-depth interviews were carried out with residents of the Lugano and San Telmo neighborhoods of the City of Buenos Aires, in the month of July 2021. The main findings have to do with the individual and collective adaptation strategies that are configured in the pandemic context to support daily life.*

KEYWORDS: *Pandemic. Territory. Daily life. Mobility. Buenos Aires.*

Introdução

Desde janeiro de 2020, as mudanças ocorridas após a disseminação do vírus COVID-19 e as ações tomadas pelos diferentes Estados tornaram-se um tema incontornável nos estudos sociais. Esta preocupação encontra um significado particular quando se considera que a vida urbana mudou substancialmente. As políticas destinadas a prevenir e conter a propagação do vírus tiveram um efeito central nos estilos de vida urbanos e nas percepções da cidade. Referindo-se ao caso mexicano, Alicia Ziccardi (2021, p. 16, tradução nossa), afirma que:

[...] os slogans 'Fique em casa', 'Lave as mãos', 'Mantenha distância saudável' e até 'Use a máscara' nos obrigam a rever o modo de vida urbano, a refuncionalizar o uso privado do espaço habitacional e uso público de bens e serviços urbanos. Da mesma forma, forçaram a repensar atividades econômicas essenciais, atividades educativas e práticas de trabalho, bem como redefinir as diferentes modalidades de vida familiar, comunitária e social, reduzindo sua intensidade e substituindo, na medida do possível, a interação face a face pela interação virtual.

Esses 'slogans' globais, no entanto, tiveram traduções ou adaptações locais. Não só porque variaram de país para país, mas também porque os sistemas urbanos e modos de vida em que foram registrados diferem de região para região, de cidade para cidade e, muitas vezes,



de bairro para bairro. Dessa forma, a vida na pandemia foi gerando novas práticas e usos do espaço público e privado que modificaram formas de sociabilidade e modos de ver a cidade. Nesse marco, o artigo se propõe a expor uma visão territorial do isolamento, quarentena e sua progressiva abertura no contexto da pandemia de COVID-19 em dois bairros de classe média da Cidade de Buenos Aires, recuperando as experiências de seus moradores, tanto em suas casas quanto nos círculos de trabalho, escola e cuidado.

Na Argentina, o governo nacional decidiu uma quarentena estrita como estratégia para prevenir a infecção e a propagação do vírus, que permaneceu na cidade de Buenos Aires por mais de oito meses⁴. O isolamento social, preventivo e compulsório (doravante, ASPO) previa uma série de "exceções" para o pessoal de saúde, funcionários dos diferentes níveis de governo, Forças Armadas e de Segurança, trabalhadores dos setores de alimentação, medicamentos e transporte. Também contemplou que os comércios permaneçam abertos para garantir o abastecimento de alimentos, remédios e necessidades básicas. A quarentena foi estendida por diferentes fases que foram decretadas com base no tempo de duplicação das infecções.

Nesse marco, o artigo relata como as medidas tomadas pelo governo nacional e pelo governo da Cidade de Buenos Aires para prevenir contágios massivos modificaram as formas de sociabilidade, mobilidade, trabalho e cuidado em Buenos Aires. Isso feito a partir de um estudo de caso aprofundado em dois bairros da Cidade de Buenos Aires: o bairro de Lugano e San Telmo. Com base no trabalho de campo, visa contribuir para pensar as complexas mudanças ocorridas nos estilos de vida urbanos durante a pandemia, que entendemos que devem ser pensadas de forma multidimensional e multiescalar⁵. Embora a propagação do vírus tenha gerado uma crise global, *uma visão situada e de dentro* (MAGNANI, 2012) nos permite compreender a forma como a pandemia impactou o espaço urbano de Buenos Aires, reconfigurando usos públicos e privados, retroalimentando as desigualdades existentes e produzindo novos.

A perspectiva analítica construída a partir da pesquisa tem algumas implicações teórico-metodológicas. Em princípio, a forma de pensar a pandemia. Como plantamos em outros lugares (excluídos), embora - como apontamos anteriormente - uma pandemia, por sua própria natureza, seja de natureza global, seus efeitos e significados têm uma âncora local. Esses efeitos e significados se configuram em diálogo com as medidas que os diferentes governos tomam

⁴ Em 19 de março de 2020, no âmbito da declaração de pandemia emitida pela Organização Mundial de Saúde, o Governo Nacional decretou o Isolamento Social, Preventivo e Obrigatório através do Decreto-Lei 297/2020.

⁵ Multidimensional porque a pandemia e as medidas promovidas para enfrentá-la tiveram impacto na vida intradoméstica, social, econômica e laboral -entre outras dimensões- das famílias. Também afetaram a dinâmica da habitação, dos bairros e das cidades.



para enfrentar os desafios da pandemia em sua interface com as características dos ambientes urbanos, dos sistemas assistenciais locais⁶ e, também, com as práticas que os cidadãos desenvolvem para se adaptar e enfrentar a nova situação. Da mesma forma, entendemos que a pandemia não pode ser pensada em abstrato. Não só porque a propagação do vírus é eminentemente espacial, mas porque o próprio espaço tem sua lógica, sua dinâmica e sua história. Em suma, a sua territorialidade. Os 'slogans' de cunho global são transferidos para o território como políticas que oscilaram entre a forma de mandatos punitivos ou recomendações sanitárias, inscrevendo-se nas práticas e modos de vida das pessoas, transformando suas relações com o meio urbano, bem como suas percepções do espaço e as formas como se relacionam com a cidade e com os outros. Nesse sentido, as políticas que têm contribuído para mitigar a(s) pandemia(s) – o “ficar em casa”, a proibição de circulação, etc. – e as políticas destinadas a remediar os efeitos dessa imobilidade ao nível dos bairros e das famílias, podem ser pensadas espacialmente.

A pandemia e as práticas das pessoas comuns (aceitações, resistências, novas relações) podem ser compreendidas a partir da compreensão do esforço envolvido em 'sustentar a vida' na pandemia, recuperando a dimensão coletiva dessas práticas. Sustentar a vida envolve formas de cooperação, união ou participação em grupos que dão sentido a uma vida que "vale a pena" (NAROTZKY; BESNIER 2020, p. 27). Entendemos que essa perspectiva nos permite compreender "a forma como uma sociedade representa o valor social (valor)" (NAROTZKY; BESNIER, 2020, p. 27) e as diferenças significativas (limites, instituições, categorias de pessoas) com o valores que são promovidos a partir do campo das políticas públicas. Em suma, o estudo das práticas não pode ser pensado sem compreender as avaliações – múltiplas – que as pessoas fazem. Essas práticas não são compreendidas apenas pelos quadros de referência e experiências, mas também pelo lugar e pelas coordenadas vitais em que ocorrem.

O trabalho é apoiado pela realização de 11 entrevistas em profundidade com pessoas de classe média que vivem nos bairros de San Telmo e Lugano (5 e 6 entrevistas, respectivamente) na cidade de Buenos Aires. As entrevistas foram realizadas virtualmente durante o mês de julho de 2021. Essas entrevistas tiveram como objetivo produzir informações descritivas sobre a importância das ancoragens territoriais e das raízes locais entre os entrevistados nos processos ligados à reprodução do cotidiano e do cuidado e a forma e significados que eles adquirem nos

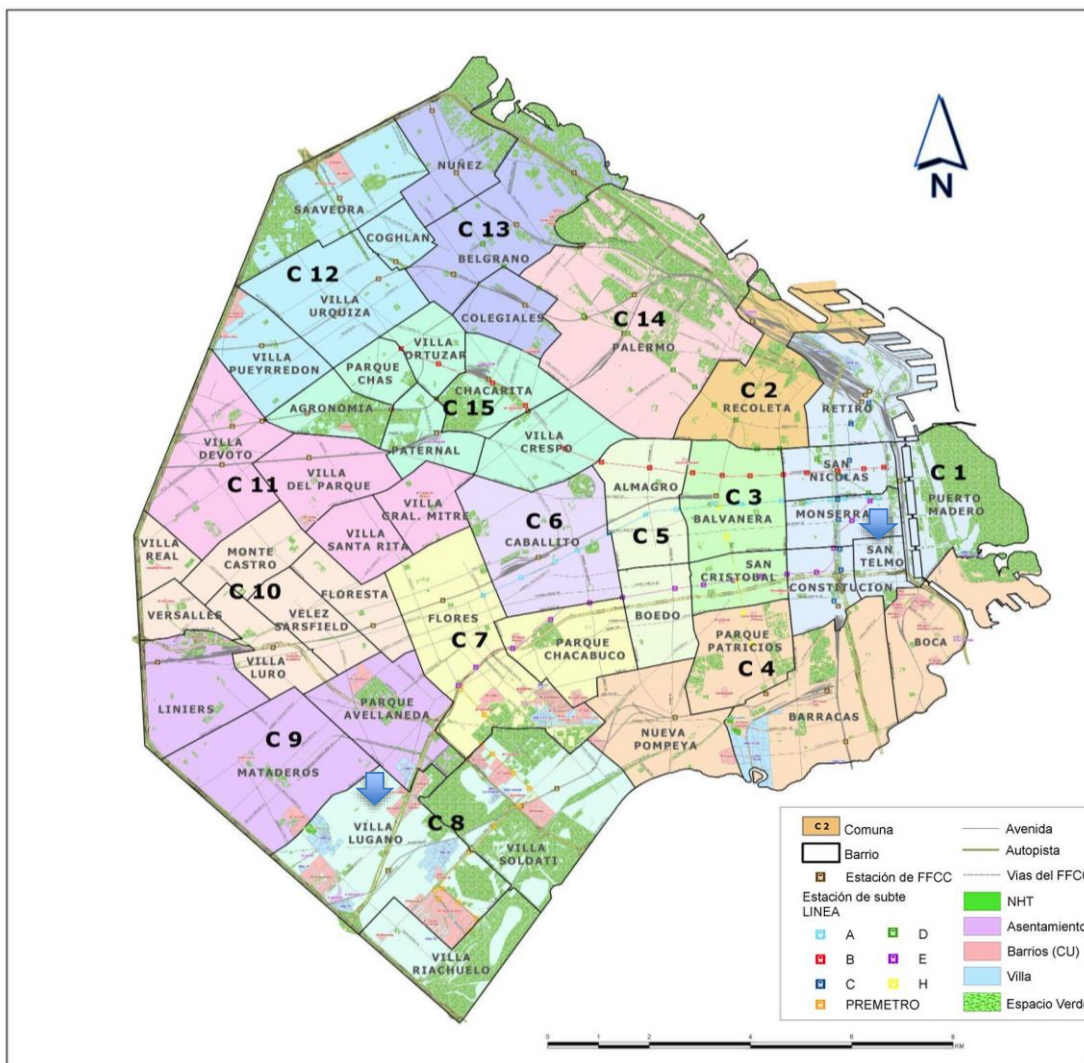
⁶ O conceito refere-se às ações e intervenções que governos e administrações locais priorizam no campo do bem-estar. Nesse quadro, inclui as políticas e programas, as estratégias e práticas de inovação organizacional e as diretrizes de interação com os agentes públicos e privados de prestação e produção de serviços. (HUETE GARCÍA; MERINERO RODRÍGUEZ; MUÑOZ MORENO, 2015).



diversos territórios. Da mesma forma, seu objetivo foi nos aproximar das percepções dos habitantes de carne e osso e suas formas de entender e representar o contexto pandêmico.

Buenos Aires e seus bairros

Figura 1 – Bairros da Cidade de Buenos Aires



Fonte: Departamento de Cartografía, Dirección General de Estadística e Censos (Ministério da Fazenda, Governo da Cidade de Buenos Aires)

San Telmo é um bairro localizado na zona sul da cidade de Buenos Aires (ver Figura 1), muito próximo do centro financeiro da cidade e dos centros de administração pública dos governos federal e municipal. É contíguo ao bairro de Puerto Madero. Os serviços e infraestruturas urbanas que o caracterizam são adequados, bem conservados e, em algumas zonas, têm padrões muito superiores aos de outros bairros da zona sul da cidade - apesar de

registrem alguns sinais isolados de degradação. É um pequeno bairro histórico que concentra inúmeros marcos e lugares emblemáticos que permanecem desde o momento da fundação de Buenos Aires. Desde a década de 1980, o bairro passou por um processo de forte transformação. Aos poucos, deixou de ser um bairro residencial e muitas casas foram demolidas em prol do desenvolvimento de outros usos, principalmente arranha-céus e atividades de serviços ligadas ao turismo. Simultaneamente, surgiram outros tipos de ocupação precária, incluindo hotéis, pensões e ocupações imobiliárias. No entanto, a permanência desses tipos de habitats diminuiu progressivamente vis-à-vis a evolução do processo de renovação – em termos de usos urbanos e perfil sociodemográfico de seus habitantes – que vem ocorrendo em San Telmo desde o final da década de 1970. Nesse quadro, posseiros foram despejados e pensões foram convertidas em albergues da juventude (albergues).

As mudanças no bairro levam aproximadamente quatro décadas. Neste quadro, as atividades ligadas aos serviços, sobretudo hotelaria, gastronomia e serviços culturais, têm vindo a expandir-se progressivamente. Esse processo deslanchou especialmente após a crise de 2001-2002 e esteve ligado ao boom turístico internacional na cidade que promoveu novos negócios comerciais e imobiliários. Nos últimos anos, as atividades relacionadas ao turismo se diversificaram e se tornaram mais complexas, desde antiguidades tradicionais até uma ampla gama de serviços de alimentação, hotéis boutique, pousadas e lojas de roupas de grife. O bairro também se tornou um ímã educacional e se consolidou como espaço cultural desde a ampliação do Museu de Arte Moderna e a reforma de antigos casarões transformados em bares e esplanadas da moda. As políticas históricas de proteção regrediram para favorecer as iniciativas de mercado ligadas ao turismo. A pandemia atingiu fortemente a economia local, relacionada às atividades do turismo, gastronomia e hotelaria. Segundo o administrador de um dos lugares mais emblemáticos do bairro que existe desde o século XIX, o Mercado de San Telmo, durante 2020, 12% das lojas tiveram que fechar (o Mercado tem 150 lojas): “As lojas de artigos e souvenirs foram as mais afetadas pela falta de turismo e porque os argentinos não costumam comprar⁷. Depois, o segundo item mais atingido foi a gastronomia, devido a todas as restrições que foram implementadas” (CASADO, 2021, [s.p.]).

Lugano, por outro lado, está localizada na antiga periferia da Cidade de Buenos Aires (ver Figura 1), nos limites que a separam dos municípios que compõem sua conurbação. Ao contrário de San Telmo – o bairro fundador – o empreendimento Villa Lugano é relativamente recente. As suas origens remontam a 1908, data em que o empresário José Soldati iniciou o

⁷ Embora a população local não consuma nessas lojas, ou está empregada nesses negócios, ou então – direta ou indiretamente prestam serviços – limpeza, fornecimento de produtos para venda, papelaria etc.



loteamento do terreno que lhe deu origem. Para estimular o processo, Soldati conseguiu modificar o traçado original da ferrovia da antiga ferrovia General Belgrano, fazendo-a passar por sua propriedade. Em contrapartida, seria responsável pelo pagamento dos salários dos trabalhadores e dos custos de construção da estação de Villa Lugano.⁸

Em seus primeiros anos, o crescimento da área de Villa Lugano foi modesto, pelo fato de não permitir vislumbrar avanços significativos na construção, inclinando-se principalmente para a instalação de fábricas e lojas (CUTOLO, 1996). As décadas de 1920 e 1930 viram a expansão do processo de loteria. Através da subdivisão, foi incentivada a fixação de novas famílias migrantes europeias e/ou locais. Um dos elementos que caracteriza o período inicial de urbanização da área é o fato de que o crescimento do parque habitacional ocorre graças à iniciativa do mercado imobiliário privado. Este último soube promover o desenvolvimento de moradias unifamiliares em terreno próprio, alternado com uma zona comercial e de serviços nas imediações da antiga estação ferroviária.

No início da década de 1940, a instalação do lixão municipal (ou la Quema) – onde eram despejados os resíduos dos demais bairros da Cidade – desestimulou o processo de povoamento do bairro e a atratividade da área para desenvolvimento imobiliário privado. Em meados da década de 1950, o bairro se adensou com a formação de urbanizações precárias e a colocação de conjuntos urbanos de habitação social que atraíram setores de baixa renda.

Atualmente, Villa Lugano é o bairro da cidade que concentra o maior número de assentamentos informais. Da mesma forma, a existência de um grande número de espaços vazios levou à construção de prédios públicos e urbanizações pelo Estado e/ou outras organizações sociais. Desde o início dos anos 2000, o bairro passou por importantes transformações motorizadas por meio de projetos realizados em parcerias público-privadas sob a alçada da Corporação Buenos Aires Sur (CBAS). O processo se acelerou a partir de 2014, com a criação do distrito de Esportes e o desenvolvimento do Grande Projeto Urbano “Vila Olímpica” no antigo Parque da Cidade. A iniciativa foi desenvolvida na prossecução dos Jogos Olímpicos da Juventude de 2018 e contou com o apoio da promoção de atividades de produção de artigos esportivos ou afins e da prática esportiva, acompanhada de fortes investimentos em grandes obras públicas (GOICOCHEA *et al.*, 2020).⁹

⁸ A estação tornou-se operacional em 1919.

⁹ No mês de agosto de 2021, concretizou-se a proposta de venda destas casas com créditos acessíveis. No entanto, segundo um grupo de vizinhos, faltam espaços verdes e equipamentos. Em 2020, foram leiloados 40 espaços comerciais que permaneciam vazios em meados de 2021. City Housing Institute (IVC) e Southern Corporation, empresa estatal responsável pelas obras, indicaram que os negócios foram escriturados em abril de 2021 (POORE, 2021).



A vida cotidiana em uma pandemia

A vida de todas as pessoas foi afetada devido às restrições que foram implementadas a partir da disseminação do vírus pelo COVID-19. O efeito mais imediato das medidas de isolamento preventivo para prevenir e conter a propagação do vírus na Argentina foi uma imobilização drástica e repentina de pessoas como resultado do decreto da ASPO. Esta imobilização fez com que as pessoas ficassem em casa, só podiam circular aqueles que estivessem isentos da obrigação de portar autorizações de circulação que justificassem seus traslados. Os controles de mobilidade foram implantados em todo o território nacional e a Cidade de Buenos Aires não foi exceção.

Dessa forma, as casas assumiram um papel inusitado: deixaram de ser espaços circunscritos pela esfera privada e pelo espaço íntimo (MILLER, 2001) para se tornarem espaços totais – segundo Mauss (2009), trabalho, educação, cuidado, dispersão, saúde, interação com outras pessoas; tudo isso aconteceu por longos meses no campo da habitação. Isso significou, por um lado, uma série de transformações nas práticas cotidianas, na avaliação do espaço, das interações com o resto das pessoas, com os vizinhos e com o bairro. Por outro lado, todas essas adaptações foram construídas, atualizadas e modificadas a partir das possibilidades e capacidades reflexivas de quem as incorpora.

A suspensão da mobilidade laboral afetou a dinâmica do cotidiano, redefinindo os circuitos cotidianos organizados em torno dos locais de trabalho¹⁰. Em alguns casos, até mesmo a escolha das escolas das crianças foi determinada pela proximidade desses espaços e não pela casa. Compras diárias, turnos com médicos ou terapias também eram organizadas em torno do local de trabalho. É o caso de Noelia, moradora de Lugano, que acomodou as atividades educativas da filha perto de seu trabalho, no centro da cidade:

[...] estar lá o dia todo eu procurei uma escola lá, psicopedagoga lá, terapia lá, tudo lá, porque você fala que sai do trabalho, você tira ela da escola, você vai na psicopedagoga por um tempo, ela tem duas horas, uma hora, e depois voltamos juntos. Era pra fazer tudo lá, era muito mais prático (Noelia, Lugano, tradução nossa).

Embora algumas das pessoas entrevistadas - que trabalham em serviços essenciais ou em setores "exceção"¹¹ - tenham conseguido retomar imediatamente suas atividades laborais de

¹⁰ Os depoimentos e o material de entrevista que serviu de base para o trabalho correspondem a um grupo de vizinhos e moradores de setores médios. Nesse quadro, não é possível investigar diferenças entre trabalhadores e trabalhadoras de diferentes grupos sociais. Trata-se de uma amostra qualitativa homogênea em sua composição social e heterogênea em sua inserção residencial - um bairro central e outro periférico.

¹¹ Profissionais de saúde, profissionais de transporte, trabalhadores comerciais, etc.



forma presencial, cumprindo horários pré-pandemia, suas rotinas associadas à mobilidade diária também foram alteradas. Ou seja, em termos gerais, a vida social foi fortemente afetada. Grande parte das interações que, antes da pandemia, envolviam viagens e eram integradas aos roteiros diários, passaram a ser mediadas pela tecnologia.

Pía, 57 anos, moradora de San Telmo, atriz e professora de teatro em uma escola particular de Palermo, conta:

Tive muitas fases, houve uma fase de surpresa, uma fase em que não me diverti muito porque tive que desenvolver um conhecimento de tecnologia que não tinha e foi traumático para mim, no sentido de que tive que fazê-lo por obrigação. Eu ensino, sou atriz e também sou professora de teatro, então tive que me adaptar rapidamente à tecnologia além de dar aulas de teatro, que com as meninas e suas amigas você via "ei, o que você está fazendo", bom, estou fazendo este exercício, não foi tanto porque como estávamos todos nessa situação não foi tão difícil pedir ajuda, mas o que foi difícil para mim é o conhecimento tecnológico em si (Pía, San Telmo, tradução nossa).

A sustentação da vida estava associada ao uso de tecnologias, exigindo grandes esforços de aprendizado no uso de dispositivos e programas até então desconhecidos. Juan, morador de Lugano que trabalha na indústria metalúrgica, retomou suas atividades laborais algumas semanas após o início da pandemia, juntamente com sua esposa que trabalha na mesma empresa, convertida à produção em massa de máscaras. No entanto, ele admite que sua vida social foi fortemente afetada, principalmente no que diz respeito ao vínculo com os amigos – foi obrigado a parar de jogar futebol. Por terem perdido o *terceiro período* que costumavam compartilhar aos sábados após os jogos, eles começaram a fazer zoom, todos os sábados no horário habitual do *terceiro período*. Da mesma forma, e como outros entrevistados relataram, ela deixou de ver seus parentes que moram na província de Buenos Aires.

A reorganização da sociabilidade cotidiana

A reorganização da sociabilidade cotidiana na pandemia parece ter sido afetada, aliás, por sentimentos associados à própria gestão da pandemia. O medo do contágio surge com força e a preocupação é expressa em relação às possibilidades de contagiar ou ser contagiado por familiares não coabitantes. Uma das modalidades de cuidado adotadas para as reuniões familiares é relatada por Gabriela, de San Telmo: “no caso da minha família, bem, minha mãe mora a uma quadra, mas eu não entro na casa dela, entendeu (...) sem ir mais longe há duas semanas era o aniversário de uma das minhas irmãs e para irmos ao aniversário tínhamos que testar todas nós antes” (tradução nossa).



Os laços são organizados na modalidade 'bolha', que inclui um familiar ou amigo(s) com quem é possível reunir-se com mais regularidade e de forma descontraída. Os encontros são relatados como uma necessidade “mental” ou de “saúde emocional” para encontros presenciais “sem máscara” com outros com quem compartilhar e descomprimir o cotidiano do confinamento. Em torno dessas 'bolhas' face a face de intimidade compartilhada, uma série de novas práticas ou formas de vínculo se desenrolam. A esse respeito, Facundo comenta que no início da pandemia, eles compartilharam com seus amigos um documento do Excel onde cada um relatava suas outras reuniões (antes e depois de suas reuniões) como medida de precaução para evitar a propagação do vírus em caso de surgir um contágio:

Depois que começou a se soltar, ainda no primeiro trimestre montamos um pequeno grupo de amigos que são sempre os mesmos, quatro no total, bolha. Montamos um excel para ver "tenho contato com essa pessoa, ele está com essa pessoa" bem, desde que avisemos se temos contato com terceiros além da lista, deu tudo certo (Facundo, San Telmo, tradução nossa).

O relato de Paula sobre seus encontros com uma amiga permite observar as justificativas que sustentam a necessidade de encontros presenciais:

Ela tem as três filhas dela, ela tem o marido dela e bem, ar puro peço-te por favor, era a mesma coisa não sei, toma mate uma ou duas horas, ela com o dela, eu com o meu, toma um café e bem, vamos conversar porque a verdade é que senão eu também acabaria [enlouquecendo] (Paula, Lugano, tradução nossa).

As avaliações negativas do isolamento também estão associadas à sensação de confinamento:

Uma das coisas que me aconteceu na pandemia, na metade, ainda não podíamos sair, e é que eu tive o que depois percebi com minha psicóloga e minha irmã que também é psicóloga, tive uma crise de claustrofobia. Mas foi muito perceptível, porque eu senti isso no meu corpo, fiquei agitado, senti os sintomas do COVID, mas mais exagerado, tive uma taquicardia como você viu, estava com falta de ar e não conseguia (Pía, San Telmo, tradução nossa).

Ou de medo e angústia: “Também senti muito medo, surgiu o medo de se infectar, o medo de “chegou o fim do mundo”, que o mundo vai acabar, o que está acontecendo, senti que Eu estava vivendo em um filme, e que em algum momento alguém ia parar” (Pía, San Telmo, tradução nossa). “Às vezes também era um pouco paranoico, sonhava, sim, por exemplo, COVID em todos os lugares... mas tentei em um nível consciente, não estava pensando nisso o dia todo” (Santiago, San Telmo, tradução nossa).

Outros relatos apontam para o sentimento de dissociação. É o caso de Sofía, 30 anos, que mora sozinha em San Telmo e trabalha em uma associação civil. Ele fez parte do isolamento com um amigo, também entrevistado, de San Telmo (Facundo). Sobre os sentimentos de dissociação, ela diz:

No início, o que aconteceu comigo foi que comecei a perder a dimensão do tempo, pois não estava mais naquelas nove horas de trabalho, nove ou seis, o que quer que cada um ou cada um trabalhe. Foi isso que me chocou, comecei a perder essa noção de horário de trabalho quando estava em casa. Então foi como se de repente minha casa fosse: minha casa, meu escritório, o lugar onde mais tarde quis pintar minhas unhas, onde bebi minha própria cerveja, recebi meus próprios companheiros, minha casa se tornou meu habitat 100%. Eu moro sozinha, eu esclareço (Sofía, San Telmo, tradução nossa).

Sentimentos encontrados

No entanto, em algumas entrevistas, emerge uma certa avaliação positiva, especialmente associada ao início do isolamento. Nesse contexto, os entrevistados ponderam sobre a oportunidade de passar mais tempo com a família. Em outros casos, descreve a sensação (principalmente no início do isolamento) de descanso ou “mini férias” e com a possibilidade de aproveitar melhor o tempo para assuntos pessoais – fazer alguma atividade física, ler livros, etc. De qualquer forma, com o passar do tempo, a sensação mudou e passou a ser vivida como um excesso de tempo convivendo com as mesmas pessoas na mesma casa. Da mesma forma, o tempo gasto em dispositivos tecnológicos para apoiar as atividades diárias mostrou-se excessivo: excesso de tecnologia expresso em grupos de whatsapp, horas de zoom ou reuniões virtuais, mensagens fora do horário de trabalho. Sofía destaca sobre sua experiência: “em um momento houve muito uso do Zoom, eu era muito a favor de pessoas que diziam que isso pode ser resolvido em um e-mail” (tradução nossa).

Por outro lado, uma das sensações experimentadas é a da solidão.

E aí, em relação à solidão, é complexo, porque eu acho que não tem nada a ver com solidão, mas eu passei por momentos em 2020 de bloqueio mental, criativo e eu trabalho em comunicação, trabalho com criatividade, e se bloqueando isso o caminho é muito complexo, porque os dias não param, mas eu também faço terapia e consegui superar isso me concentrando em coisas como: comprar plantas, concentrar no apartamento, deixar bonito e esse tipo de coisa (Facundo, San Telmo, tradução nossa).

Chama a atenção, no caso de pessoas solteiras ou que não possuem filhos dependentes, entre as quais aparece uma revalorização de seus lares, buscando estratégias para re-habitar seus espaços. Essas experiências foram associadas à possibilidade de compra de novos móveis ou

mudanças no layout da casa, além de um maior número de plantas e o uso de varandas, terraços, janelas ou pátios. Cristina é aposentada e vive com o marido na zona das 'casinhas' de Lugano. Em seus relatos sobre as mudanças no cotidiano desde a pandemia, há uma reavaliação de seus 'privilégios' por ter um pátio: "no dia a dia, não mudou muito para mim, porque aqui é um bairro de casas baixas, então temos terra, temos plantas e temos verde, então eu tenho muito espaço, e isso.... e bem, isso significava que a única coisa que estava restrita era basicamente sair" (tradução nossa).

Dificuldades em manter a vida

Uma história repetida no contexto pandêmico refere-se ao fato de as maiores dificuldades em torno da sustentação do cotidiano estarem associadas à gestão da escolarização das crianças. A escolarização em tempos de pandemia foi marcada por complicações na implementação de novas estratégias em torno da gestão de horários de trabalho remotos e/ou presenciais para adaptá-los às aulas virtuais (em todos os casos síncronas). Uma questão importante em relação ao retorno à frequência escolar é que ele não ocorreu da mesma forma em todos os estabelecimentos ou níveis de ensino. Assim, a gestão dos horários e dias dos cursos infantis implica, em vários casos, adaptações dos dias e rotinas de trabalho¹². Da mesma forma, o acompanhamento das crianças durante o processo de adaptação à virtualidade trouxe desafios para os pais de crianças pequenas, que tiveram que assumir integralmente a educação de seus filhos. É o caso de Daniela, de San Telmo. Daniela é professora e mãe de dois filhos em idade escolar e, assim como o companheiro, no início da pandemia, começou a trabalhar remotamente. Nesse quadro, ele diz: "a organização durou duas semanas, [depois] tivemos que recalcular porque as circunstâncias mudaram, tivemos que reorganizar novamente... organização num prazo muito curto".

Além das estratégias implantadas para apoiar a escolarização dos filhos, as famílias tiveram que gerar adaptações em torno das formas de cuidar dos filhos. É o caso dos filhos de Micaela de Lugano, cujo retorno ao trabalho não coincidiu com o retorno dos filhos à escola. Na nova dinâmica, embora no início com o companheiro se revezassem no cuidado dos filhos, quando ambos têm de ir trabalhar, a filha mais velha, de 11 anos, fica algumas horas por dia a cargo do irmão mais novo, 4 de anos: "Foi o primeiro ano que resolvi deixar meu filhinho para

¹² As entrevistas foram realizadas principalmente com mulheres. Neste trabalho não é possível aprofundar este tema na perspectiva dos entrevistados do sexo masculino. Os entrevistados que modificaram suas rotinas trabalhavam em empregos mais flexíveis ou com bom relacionamento com seus chefes. Isso explicaria em parte, nesses casos, por que eles foram capazes de modificar a vida cotidiana.



a irmã dele, Martu, 11, porque ele também tinha aquela coisa que eu tinha que ir trabalhar e com isso eles não iam pra escola, aí também tive que me organizar”. Micaela tem 35 anos, é ajudante de porteiro numa escola de Caballito e vive numa das torres de Lugano com os filhos e o companheiro.

Em alguns casos, a situação se inverteu. A dissociação se deu pelo retorno da frequência escolar e continuidade do trabalho virtual. Isso trouxe complicações porque a escola das crianças era próxima do local de trabalho e não da casa. É o caso de Noelia, moradora de Lugano, mãe de uma menina de 12 anos com TDAH, que, embora não precise ir trabalhar pessoalmente, é obrigada a se deslocar constantemente para as aulas da filha: “estou uma hora e meia em casa e eu volto e vou procurar ela, e a gente volta tipo duas, [...] quando ela não tem terapia, aquela terapia também está lá no centro” (tradução nossa).

Juan considera que suas filhas foram as mais afetadas pelo isolamento, pois estavam terminando o ensino médio quando a pandemia começou:

[...] ele as via como mais afetadas nesse sentido, por causa do assunto dos estudos, viu, elas terminaram o quinto ano no ano passado com a pandemia, elas não fizeram viagem, elas não fizeram reuniões, elas não tiveram a festa, tudo isso, então foi, vamos ver, a gente veio do trabalho por aí você viu um que você não percebe mas aí você viu e eu percebo que você viu, sei lá, por aí depressivas, por causa da questão de não ter o que fazer, o dia todo deitadas ou com o celular, vendo TV ... (Juan, San Telmo, tradução nossa).

Com meus amigos do bairro, a realidade é que tudo ficou muito complicado, porque muitos deles têm filhos e o fato de irem para a escola virtualmente e tudo assim ficou muito complicado para eles poderem se reunir, né, a gente se vê de vez em quando, é meio complicado. A maioria dos meus amigos tem filhos, então há uma complicação (Gabriela, San Telmo, tradução nossa).

Mais uma vez, as dificuldades de sustentação da vida emergem com força nas dissociações ou lacunas que ocorrem entre virtualidade e face a face, tarefas de cuidado e manutenção da vida social.

Em alguns casos, a adaptação a estas novas formas de vida foi avaliada positivamente. É o caso de Paula, 34 anos, que vive em Lugano com duas filhas em idade escolar e o seu marido. Em alguns casos, a adaptação a estas novas formas de vida foi avaliada positivamente. É o caso de Paula, 34 anos, que vive em Lugano com duas filhas em idade escolar e o seu marido.:

[...] Eu sempre digo [ao meu marido], quando a gente volta... Agora, põe, estamos de férias pra gente, quando voltamos ao horário normal de novo, eu trabalho das 7 às 14, e ele trabalhava das 16 às 23. Era literal, eu cheguei "olá sim como vai", colocou três drinks com sorte, e ele ia embora e até as 12

da noite não nos víamos, e às vezes nem nos víamos porque eu estava exausta de levantar às 6, eu fiquei dormindo, aí a gente tá tipo em umas férias, tá curtindo tudo e tá tranquilo (Paula, Lugano, tradução nossa).

Solidariedades e novos vínculos no bairro

O cuidado de adultos também reorganizou a sociabilidade em prédios e bairros:

Muitas pessoas adultas não queriam deixar suas casas, não queriam ir. Então a parte do vizinho, o porteiro, desempenhou muito lá, pode conversar, pode dar uma mãozinha... esse papel desempenhou muito ali. O que foi muito essa pandemia, entre nós aqui você viu, se a gente sabia que alguém estava positivo na casa ou não podia se mexer, bem, a gente deixou as coisas no corredor, entendeu, você se dá uma mão desse jeito (Micaela, Lugano, tradução nossa).

Os vizinhos tiveram um papel fundamental na manutenção da vida dos idosos do prédio. Fazer compras e ajudar com tecnologia (instruções para uso de videochamadas, pedidos de carros particulares ou pagamentos virtuais) foram as experiências mais relatadas entre os entrevistados. Nesse quadro, o papel do porteiro do prédio aparece como ator fundamental na gestão das tarefas assistenciais.

O contexto pandêmico parece ter promovido a revalorização dos laços de solidariedade articulados em redes apoiadas por vizinhos para facilitar a vivência do isolamento, principalmente para idosos e pessoas isoladas pela COVID.

Foi criado o grupo de WhatsApp em que os adultos, se precisassem, poderiam ir às compras para eles, para que não saíssem, para não se exporem. Como [aquela] solidariedade foi ativada um pouco, eu gostei muito disso, principalmente porque eu não conhecia bem meus vizinhos, então foi uma forma legal de me aproximar entre aspas. Isso foi fofo (Sofía, San Telmo, tradução nossa).

A esse respeito, Santiago, professor e diretor de um mestrado em gestão cultural que vive em San Telmo há 10 anos, destaca:

Desde a pandemia, eu me sentia uma coisa que o bairro historicamente tem sido bastante horizontal e generoso e organizado, o bairro é muito organizado, é um bairro com, historicamente com aquela passividade, então (...) rua ou no parque da praça, aí tinha, me parece, uma questão que era muito boa que havia uma certa possibilidade de organização em torno de mais do que questões de saúde, principalmente questões do bem, do cuidado (Santiago, San Telmo, tradução nossa).

No que diz respeito às novas estratégias de abastecimento de bens de consumo cotidiano, essas práticas resultaram em uma nova conexão com o bairro e negócios próximos, bem como

novas formas de compras. Nas contas dos moradores de Lugano, há uma maior ênfase nas compras virtuais devido a um surto de casos no hipermercado Coto, um de grande importância pela sua magnitude no bairro. Em ambos os bairros, os entrevistados afirmam que foram implantadas estratégias de racionalização para compras e idas a supermercados ou lojas, buscando reduzi-las ao mínimo e essencial durante a primeira etapa da ASPO. Da mesma forma, embora em alguns casos essas estratégias continuem em grande medida hoje, em outros casos voltaram às práticas de consumo pré-pandemia, de fazer a compra do dia. Há uma avaliação nos relatos sobre morar nas proximidades de lojas¹³ que são suficientes para que satisfazer suas necessidades. Em seguida, são apresentadas as percepções, apreciações e práticas de mobilidade nos bairros em que os entrevistados estão localizados.

Percepções ao redor do bairro

Assim como as práticas cotidianas que têm a ver com a manutenção da vida das pessoas foram afetadas pela imposição das medidas da ASPO, as apreciações, formas de ver e vivenciar o bairro também foram modificadas. Das entrevistas, recuperamos algumas histórias que dão conta das reflexões dos habitantes de San Telmo e Lugano sobre as mudanças, continuidades e rupturas no contexto do isolamento social preventivo e obrigatório.

No contexto da pandemia -como apontamos anteriormente-, San Telmo passou por mudanças substantivas. Em seus relatos, os entrevistados apontam que isso tem a ver com a perda de uma de suas características distintivas: sua qualidade turística. De repente, os turistas e as atividades associadas a eles desapareceram. Eles destacam que durante as restrições notaram menos ruído do trânsito e outros ruídos do bairro, como músicos de rua. Apontam que no contexto da pandemia têm uma maior utilização e fruição do espaço público. Em alguns casos, inclusive, a proximidade com Puerto Madero – como área de dispersão e passeio – é percebida como um privilégio associado à localização do bairro. Quanto aos aspectos negativos, destacam uma maior identificação de pessoas em situação de pobreza e de rua no bairro.

Tanto em San Telmo quanto em Lugano, os entrevistados valorizam os espaços verdes:

Comecei a redescobrir lugares e pessoas que não via quando saía para trabalhar na segunda, quarta e sexta-feira. O contato com o bairro era outro e com as pessoas. Então, redescobri o bairro, temos tudo no bairro, no sentido de alimentação. Apesar de haver um mercado, que a Cata me ajudou, comprei mais no bairro.

¹³ São lojas que vendem alimentos e produtos de primeira necessidade. Além disso, lojas de roupas, livros, bares e restaurantes que oferecem serviços de entrega, etc. Nas entrevistas, não é feita qualquer menção às condições de trabalho dos seus trabalhadores no contexto da pandemia de COVID-19.



Uma das coisas de San Telmo é que vive do turismo, o turismo era intenso, e você encontra 20.000 turistas o tempo todo. Os turistas dizem que escolhem San Telmo, além de ser bonito, pitoresco, porque há algo que faz sentir que tem gente do bairro que nasceu aqui, ou viveu aqui, é isso que eu sinto. O que San Telmo tem é que é um bairro do qual você pode sair, ou que você sempre volta para (Pía, San Telmo, tradução nossa).

Neste quadro, Facundo reflete sobre as características distintivas de San Telmo:

Não sei explicar, parece-me que é diferente dos outros bairros. E é bem único nessa distinção, é como um bairro que ainda está na moda, vamos ver, não está na moda como Palermo você vê que o bairro da moda, mas está sempre na moda, sempre tem muita atividade cultural, está presente entre a boêmia e a universidade o tempo todo. Moro em um prédio de sete andares, pequeno, e todos os apartamentos são parecidos com o meu e a grande maioria dos meus vizinhos são pessoas da minha idade, profissionais, solteiros, como todo mundo mais ou menos no mesmo. Para mim há muito o que fazer em San Telmo, atividades, e também é o bairro que mais fica nos dias em que tudo está morto, nos feriados, nos domingos. San Telmo é um festival, e tem muita personalidade de bairro, a comunidade de San Telmo é muito comprometida com o bairro, eles defendem muito (Facundo, San Telmo, tradução nossa).

E acrescenta, sobre sua relação pessoal, suas raízes com o bairro:

Tem uma coisa que me acontece com San Telmo que não sei se acontece em outros bairros, que é que quando saio reconheço os rostos de San Telmo. Como vizinhos do quarteirão, até do centro, me deparo com pessoas que sei que são do bairro. Os negócios bastante tradicionais, em geral, pertencem a pessoas que moram em San Telmo há muito tempo. Realmente existe esse sentimento, ou eu sinto esse sentimento de pertencimento, não sinto que tenha mudado tanto, acho que permanece (Facundo, San Telmo, tradução nossa).

Durante a fase de isolamento, os limites do bairro tornaram-se relevantes, como barreiras reconhecíveis: “Possivelmente tenho, atravessando a 9 de julho, a um quarteirão, um açougue, mas nem sei, porque a 9 de julho é a muralha da china, vou para o centro de San Telmo em vez de atravessar” (Facundo, San Telmo, tradução nossa) e Puerto Madero. A diferença é que Puerto Madero aparece como uma área de caminhada ou dispersão externa, que se integra através das novas práticas de mobilidade cotidiana.

No caso de Lugano, como os de San Telmo, os parques (Indoamericano, Malvinas, de la Ciudad, de las Victorias) desempenham um papel central na revalorização do bairro. Ter espaços verdes próximos surge como um valor reconhecível no ambiente do bairro. Da mesma forma, ter pátios, terraços ou varandas surge como um privilégio. Relacionadas aos espaços verdes, surgem novas práticas de lazer, como desconexões, caminhadas ou esportes. A esse respeito, Sofia conta:

y me compré esta silla para tomar sol en el balcón, porque era bueno si voy a estando na varanda quero ficar à vontade tomando sol, pegando aquela vitamina que não vou conseguir de outra forma neste momento. Antes da pandemia, também dava aulas em uma escola, trabalhava em uma rádio. Então saí de casa às sete da manhã e voltei às onze, doze da noite. Então minha casa é uma área de trânsito, por isso acho que gostei um pouco no começo. Às vezes me sinto culpada por dizer isso, mas depois digo que cada um lidou com essa situação da melhor maneira possível... (Sofía, San Telmo, tradução nossa).

Quem mora nos prédios valoriza os negócios que são oferecidos em cada 'faixa': "Em cada faixa você tem seus próprios negócios, digamos, eles se multiplicam. Padarias, cabeleireiros, lavanderias, livrarias, lojas, quiosques..." (Paula, Lugano, tradução nossa). A Rua Chilavert, como zona comercial e de passeio, é também valorizada nos testemunhos como local de bairro que contém uma ampla oferta comercial de bens e serviços relacionados com vestuário e gastronomia, principalmente.

Por fim, os entrevistados de ambos os bairros destacam a qualidade de 'bairro', de 'vizinhança' que sentem ao percorrer seus espaços diariamente e, ao mesmo tempo, valorizam a conectividade dos bairros com o restante da cidade, quer graças às múltiplas opções de transporte público, como acessos para se deslocar em veículos próprios. Nesse sentido, Juan destaca em seu bairro:

O que tem, que você estava me contando antes, o que tem de bom, isso é outra coisa que não acontece em outros bairros, principalmente aqui na Capital, é que quando falo com os amigos eu costumo dizer como é, quando eles chegam em casa, e ele fica surpreso porque estamos entrando no bairro e todos dizem 'ei, olá, como você está'. Como mais da província, que são mais de... é que aqui não acontece em bairros como Palermo (Juan, Lugano, tradução nossa).

Da mesma forma, Paula diz:

[...] esse bairro tem uma coisa assim, eu percebo isso como uma nostalgia, então quem está aqui percebe que a gente trata o bairro, porque eu não conheço o meu caso, por exemplo, herdei dos meus avós que não estão mais aqui, e nós que moramos no meu prédio somos todos filhos, netos de, é como se a gente desse, não sei te dizer, um valor (Paula, Lugano, tradução nossa).

A título de encerramento. Transformações, persistência e valores em uma pandemia

A pandemia gerou grandes mudanças nos modos de vida urbanos. Como dissemos, olhar para as práticas concretas -isto é, pensar a pandemia temporal-espacial- nos permite compreender os processos situados que -em última instância- constroem a pandemia.

Neste artigo nos concentramos em dois bairros "tradicionais" de Buenos Aires -San Telmo e Lugano- nos quais há uma forte presença residencial de setores médios. As transformações sociourbanas estavam ocorrendo em ambos os bairros nos anos pré-pandemia. No entanto, a pandemia gerou rupturas nessas transformações e outras ocorreram. San Telmo tem uma marca turística que vem se formando há décadas. Durante a pandemia, no entanto, o status de San Telmo como bairro turístico se perde. Isso levou os vizinhos a percebê-lo como um 'bairro'. Em Lugano, novos laços sociais entre vizinhos foram gerados, com atores centrais como os porteiros, no caso dos edifícios. Nas histórias dos moradores desses dois bairros, adaptar e utilizar espaços abertos e/ou verdes, tanto em parques públicos quanto dentro de suas próprias casas, foi fundamental para a manutenção da qualidade de vida.

Neste texto nos interessou investigar as formas como a pandemia foi vivenciada territorialmente. Ou seja, focamos na experiência do isolamento social preventivo e compulsório e seus impactos na sociabilidade do bairro, buscando compreender a forma como as pessoas de carne e osso sustentavam a vida. Sustentar a vida tem um componente econômico. No entanto, como mostramos, não termina aí. Mudanças nas formas de sociabilidade, avaliações de redes e relações de vizinhança, afetividade como construtora de modos de estar no bairro mostram a importância de se pensar as práticas em termos de vida: sustentar a vida implicou um rearranjo afetivo socioterritorial. Se a pandemia colocou entre parênteses para milhões de pessoas 'a boa vida' entendida como uma coisa moral-íntimo-econômica (BERLANT, 2020) ou processos de 'vida normal', novas formas de viver a pandemia também foram produzidas para além da crise e da ruptura.

Esse processo de sustentação da vida produziu uma mudança na espacialidade dos vínculos e das sociabilidades. Com a restrição da mobilidade, a proximidade assumiu um papel central na sustentação da vida, implicando uma (re)valorização das redes locais e novas relações com os vizinhos que conduziram a uma reconstrução e reconhecimento do ambiente do bairro em termos físicos e afetivos. Com isso queremos dizer que a reconstrução do bairro não foi apenas um processo dado pela pandemia, mas que foi um trabalho ativo de construção de formas de vida que envolviam sustentá-lo durante a pandemia.

À medida que as práticas se instalam em processos tempo-espaciais, a pandemia, sem dúvida, mudará as práticas culturais urbanas. Por um lado, o espaço físico sofreu alterações. Muitos deles foram modificações que provavelmente serão revertidas (certas pedestres, barreiras para incentivar o distanciamento). No entanto, o espaço vivido não é apenas nutrido pela materialidade, mas também pelas experiências. Assim, a propagação do vírus - acreditamos - gerará mudanças muito mais duradouras do que a própria pandemia. Essa nova normalidade



será construída por práticas como a proximidade conquistada, o bairro revisitado, o medo de novas mudanças mesmo quando o vírus se naturalizou ou desapareceu. 'Tomar gosto', 'nova normalidade' ou simplesmente naturalizar as novas formas de sustentar a vida são formas pelas quais a pandemia vai continuar diariamente nas cidades.

REFERÊNCIAS

BERLANT, L. **El optimismo cruel**. Buenos Aires: Caja Negra Editores, 2020.

CASADO, M. San Telmo: sin turistas, así lo está reinventando una nueva generación de comerciantes. **La Nación**. Buenos Aires, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/buenos-aires/san-telmo-sin-turistas-asi-lo-esta-reinventando-una-nueva-generacion-de-comerciantes-nid18062021/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CUTOLO, V. O. **Historia de los barrios de Buenos Aires**. Editorial Elche, 1996.

GOICOECHEA, M. E. *et al.* **Cartografías de la renovación**. In: JORNADAS DE INVESTIGACIÓN DE LA FADU-UBA, 2020, Buenos Aires. **Actas** [...]. Buenos Aires, 2020.

HUETE GARCÍA, M.Á.; MERINERO-RODRÍGUEZ, R.; MUÑOZ MORENO, R. Los sistemas locales de bienestar. Un análisis desde las políticas de regeneración urbana. **Revista de estudios políticos**, no 169, p. 201-233, 2015.

MAGNANI, J. G. C. **Da Periferia ao Centro: Trajetórias de Pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MAUSS, M. **Ensayo sobre el don**. Forma y función del intercambio en las sociedades arcaicas. Buenos Aires: Katz Editores, 2009.

MILLER, D. (ed.). **Home Possessions**. Material Culture behind Closed Doors. Oxford: Berg, 2001.

NAROTZKY, S.; BESNIER, N. Crisis, Valor y Esperanza: Repensar la Economía. **Cuadernos de Antropología Social**. Buenos Aires, n. 51, p. 27-48, 2020.

POORE, F. Qué pasó con la Villa Olímpica tras los Juegos de la Juventud. **Chequeado**. Buenos Aires, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://chequeado.com/el-explicador/que-paso-con-la-villa-olimpica-tras-los-juegos-de-la-juventud/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

ZICCARDI, A. Introducción. Las Condiciones de Habitabilidad y Del Entorno Urbano Para Enfrentar La Pandemia. Conceptos Claves y Metodología de Análisis.” In: ZICCARDI, A. (ed.) **Habitabilidad, Entorno Urbano y Distanciamiento Social: Una investigación en ocho ciudades mexicanas durante COVID-19**. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2021. p. 15-32.



Como referenciar este artigo

DI VIRGILIO, M. M.; FRISCH, M. A.; PERELMAN, M. D. A pandemia territorializada: Vida diária em dois bairros de Buenos Aires. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 27, n. esp. 1, e022002, abr. 2022. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v27iesp1.15863>

Submetido em: 16/01/2022

Revisões requeridas em: 16/02/2022

Aprovado em: 30/03/2022

Publicado em: 25/04/2022

